

(2011) PAUL ESTRONZA LA VIOLETTE, *A NAVAL INCIDENT AT HORTA. AN AMERICAN PRIVATEER VERSUS A BRITISH NAVAL SQUADRON IN THE WAR OF 1812.*

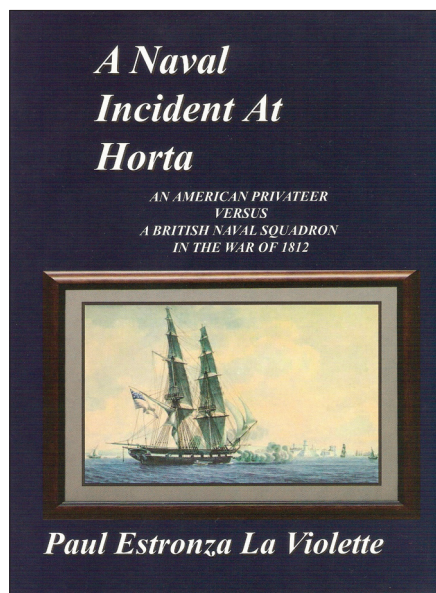
BALIRSVILLE (PENNSYLVANIA), ANNABELLE BOOKS.

Ricardo Manuel Madruga da Costa – CHAM (Centro de História de Além-Mar), Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores.

Não será desinteressante referir que a obra de que agora se dá conta, editada em 2011, é divulgada no *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* quando se completam dois séculos sobre o início da Guerra de 1812 em que se enquadram os acontecimentos que são objecto do livro em causa e que tiveram lugar no porto da Horta.

Deste conflito que opôs os EUA à Inglaterra, por vezes designado como segunda Guerra da Independência, faz parte o episódio ocorrido naquele porto, no qual se confrontaram o brigue corsário americano *General Armstrong*, na altura ancorado na proximidade do Castelo de Santa Cruz, e uma flotilha britânica entretanto chegada à ilha do Faial, mas com destino aos EUA onde deveria reforçar as tropas inglesas. Estava-se na fase final do conflito e o acontecimento teve início no dia 26 de Setembro de 1814. O comando do navio corsário Americano era da responsabilidade do Cap. Samuel Chester Reid, enquanto a flotilha inglesa tinha o capitão Robert Lloyd por comandante.

O tema tem merecido razoável publicidade ao longo dos anos, designadamente em edição de 1986 com chancela da Direcção Regional de Turismo dos Açores e aos factos concedeu-se sempre uma relevância apreciável, creditando-se-lhes méritos pelas repercussões que, alegadamente, a retenção forçada da flotilha britânica acabaria por ter no desfecho da



guerra, facilitando a vitória da antiga colónia na Batalha de New Orleans. Paul La Violette, quanto ao essencial, não trará novidades de assinalar. O livro surge sobretudo como uma revisita aos factos históricos que caracterizam o acontecido, numa síntese cuidada na qual se questionam aspectos de pormenor que uma maior ligeireza na leitura dos relatos até agora produzidos, deixou escapar. Não sendo historiador, mas oceanógrafo, La Violette faz no entanto uma abordagem rigorosa e marcada por apontamentos de muito interesse para a compreensão da arte naval da época, ainda que adoptando uma narrativa na qual recorre, por vezes, a um discutível uso de imaginários diálogos entre os protagonistas mais em destaque no desenvolvimento dos factos. Discutível num trabalho desta natureza, mesmo que possamos reconhecer-lhes verosimilhança.

Uma brevíssima nota informativa antecede uma introdução aos nove capítulos da obra. Nesta nota, face a possíveis contradições ou insuficiências, o autor explica os motivos que o levam a uma leitura crítica dos factos, com fundamento nos relatos oficiais, relevando sobretudo o confronto entre as versões relatadas pelos dois capitães. É esta análise que poderá colocar em dúvida a conclusão relativa ao desfecho que acima se refere, com fundamento em declarações atribuídas ao General Andrew Jackson.

O primeiro capítulo dá notícia da chegada à Horta do brigue *General Armstrong* a 26 de Setembro de 1814, para o qual o governo dos EUA emite a chamada “letter of marque”, ou seja, a credencial que conferia ao navio a legitimidade para conduzir acções de corso contra os interesses britânicos. Sublinha-se a condição da Horta como porto neutral, facto crucial na avaliação do comportamento do comandante britânico, e o autor antecipa a proximidade de uma flotilha de Sua Majestade constituída pelo navio de 70 peças, HMS *Plantagenet*, pela fragata *Rota* com 38 e o brigue *Carnation* com 18 peças, os quais demandavam estas paragens açorianas por razões que a documentação não permite determinar de forma exacta. Após uma descrição das características dos navios britânicos no capítulo seguinte, com destaque para o *Plantagenet* e para o desempenho do cap. Robert Lloyd como seu comandante, ficamos a saber como se processava o sistema britânico de incentivos ao apresamento de navios inimigos, servindo o capítulo 3 para dar conta da presença e características do *General Armstrong*, e das razões que o levaram a procurar o porto faialense, ou seja, para refresco e aguada, para o que a autoridade local concedera 24 horas de permanência.

Os capítulos seguintes, dado o alarme quando a tripulação do corsário avis-

tou a flotilha e adquirida a certeza quanto ao posicionamento hostil dos navios ingleses, oferecem ao leitor um detalhado relato dos três assaltos conduzidos contra o *General Armstrong* então ancorado junto ao Castelo de Santa Cruz. Trata-se de um relato bem elucidativo sobre a desproporção dos meios utilizados pelo lado britânico contra o navio americano, em que fica evidenciada a enorme violência do confronto cujo desfecho se saldou em perda de muitas vidas e em graves danos para o navio *Carnation*, para além da destruição do corsário americano. O número de mortos e de feridos entre os marinheiros ingleses, atingiria números da ordem das centenas. O resultado foi de facto devastador para as forças sob o comando de Lloyd e, apesar da destruição do *General Armstrong*, aliás facilitada no final pela própria tripulação, apenas morreram dois tripulantes e o número de feridos seria igualmente muito escasso.

O autor destaca a divergência entre os relatos dos dois comandantes, censurando o comportamento do capitão Robert Lloyd e sublinha a reprovação que a sua actuação terá merecido do Almirantado, com a agravante de ter tomado esta iniciativa em porto neutral.

A obra encerra com o capítulo 9 no qual o autor identifica situações e factos que não deixam de suscitar

estranheza quanto à iniciativa e ao modo de agir do comandante inglês e que denotam desrespeito pela autoridade local e pelo estatuto de neutralidade do porto da Horta, indiciando ainda que Lloyd estaria em busca de pretextos que justificassem as suas decisões e o desaire a que as mesmas conduziram.

O livro acrescenta ainda uma referência ao registo dos acontecimentos na versão do filho do capitão Reid, Samuel Chester Reid, seguindo-se um apêndice documental cujo conteúdo é já conhecido, nomeadamente na edição referida no início destas notas de leitura.

Para além das matérias centrais do livro, o autor intercala diversos textos através dos quais elucidada o leitor quanto a aspectos técnicos relativos à guerra naval, armamento e características dos navios no período abordado. Paul La Violette reservou para o final do livro, no âmbito dos anexos, a análise crítica da tese que defende a ideia de que o episódio bélico ocorrido no porto da Horta no final da Guerra de 1812, teria contribuído para a vitória dos americanos na chamada Batalha de New Orleans. Será, porventura, o contributo mais interessante e inovador deste livro. Recorrendo a um credível exercício crítico da documentação e a uma argumentação consistente, o autor acaba por propor uma visão que desmonta, de facto, a

referida tese, recusando qualquer correlação entre as duas ocorrências. incluindo o conteúdo abundantes ilustrações e esboços que complementam, com utilidade, o texto elaborado. RICARDO MANUEL MADRUGA DA COSTA

As 224 páginas apresentam-se em cuidado trabalho gráfico com capas cartonadas e agradável sobrecapa,